



Jornalismo bem-humorado

As molecagens que Felipe Andreoli faz no CQC, um dos programas de maior sucesso na TV, finalmente são vistas como trabalho sério pela audiência brasileira

Por Marcella Chartier

O entrevistado desta edição fez questão de vir ao Colégio para a conversa. Felipe Andreoli, repórter do programa CQC (Custe o que custar), da TV Bandeirantes, quis matar as saudades do lugar onde passou boa parte de sua infância e adolescência, e tentar rever alguns de seus professores (que já lhe deram muitas broncas pela indisciplina entre 1989 e 1997, tempo em que ele estudou no Dante). Apesar da sala reservada para a entrevista, ele preferiu conversar no pátio. Não demorou muito para que os alunos que passavam com seus lanches no recreio se empolgassem com a surpresa, e que se formasse uma pequena multidão de estudantes com pedaços de papel nas mãos, para os autógrafos, e os celulares posicionados para as fotos. Felipe não só se sente à vontade com o assédio, como gosta de atender os admiradores. O sucesso do CQC, que acaba de estreiar a temporada de 2010, o ensinou a ter paciência para esse tipo de situação – mas ele bem que já sonhava, desde criança, em ser famoso, trabalhando na TV. Acompanhava o pai, o também jornalista Luiz Andreoli, na redação da Rede Globo, onde ele trabalhava, e sabia que seguiria a carreira jornalística. “Acho que até por isso mesmo eu ia tão mal em Química, Física, Matemática... eu sabia que não era o que eu queria fazer”, justifica, quando lê as notas baixas em seus boletins, preservados pela Secretaria do Dante. Começou trabalhando aos 19 anos, como auxiliar de produção da TV Record, um laboratório para que Felipe aprendesse detalhes sobre o mundo da televisão. Aos 21 foi para a TV Cultura, onde trabalhou pelos cinco anos seguintes, já fazendo matérias. E então seguiu para a Band, onde passou cerca de um ano fazendo reportagens esportivas até ser convidado para integrar o time do CQC, liderado por Marcelo Tas, em março de 2008. Daí em diante, a vida mudou bastante, não só pela fama, mas pela rotina corrida que acabou indo além das reportagens para o CQC, e que agora inclui apresentações no teatro, participação em eventos, publicidade e um programa de rádio. A prioridade, no entanto, continua sendo o programa na Band, que ganhou credibilidade tanto do público quanto dos próprios entrevistados. No início, era visto como um programa apenas de humor, e não jornalístico. “Tem muita gente que não falava [com o CQC], e agora fala, por conta disso. Ou porque aprendeu como é o jogo: a maioria das pessoas percebeu que a pior coisa que se pode fazer é não falar”, conta. Parte desse rótulo é consequência das piadas feitas pelos repórteres, que costumam desconcertar os entrevistados. “O bom do programa sai no improviso. Você sempre sabe o que vai perguntar, mas não o que seu entrevistado vai responder. E na resposta do cara, às vezes, tem uma réplica que é a melhor parte da matéria”, diz Andreoli. Nesta entrevista, ele conta algumas de suas experiências na escola, sua trajetória até aqui, ambições na carreira e, claro, sobre como é fazer um dos programas de maior audiência da TV brasileira.

O que você se lembra dos tempos do Colégio?

De muita coisa. Lembro da primeira garota por quem eu me apaixonei, a Luana. Escrevi um bilhete para ela: ‘você gosta de alguém da classe?’ e ainda mandei um ‘pediram para te entregar’. Ela me devolveu, eu guardei, e depois abri no carro voltando para casa, todo escondido. Estava escrito só: ‘não’. (risos) Eu tinha 9 anos, estava na 3ª série (hoje, 4º ano do Ensino Fundamental). Gostava de ser meio *bad boy*, meio fora da lei, vinha com o tênis todo furado, a calça rasgada – ou botava aquelas joelheiras de couro na calça para poder me jogar no chão, fazer as estripulias que a molecada gosta de fazer. Mas lembro que, depois, teve uma época em que três amigas gostavam de mim e diziam que tinham brigado por minha causa... me senti a última bolacha do pacote.

Na 5ª série (hoje 6º ano do Ensino Fundamental), o primeiro ano de ginásio, tinha uma calça cinza no uniforme e era tipo um louvor usar. A moda era usar a calça cinza de uma determinada marca. Mas a minha foi minha avó, que é costureira, quem fez. E fiquei triste porque a minha não era da moda. Estudar em um colégio de classe alta como o Dante tem isso, também. As crianças julgam muito pelo status.

Lembro também que cantei no Dante in Concert, e que joguei em uma semifinal de futebol das Olimpíadas Internas, na quadra 5; perdi por 4 a 2 e nosso time era o melhor – nunca venci uma olimpíada do Dante. Essa foi minha maior frustração aqui. Um pouco do que eu já quis ser quando criança, como jogador de futebol e cantor, vivi aqui. O Dante ainda está muito presente na minha vida porque todos os meus grandes amigos conheci aqui. Sempre me reúno com a galera do Colégio, e falamos das viagens, dos professores, até das aulas... O que na época de estudantes, para a gente, era chato, hoje é diversão. E, com certeza, quem está aqui hoje só vai dar esse valor quando sair. A formação que eu tive aqui foi muito importante para mim.

E como eram suas notas, sua disciplina?

Sempre fui muito melhor em matérias da área de humanas e péssimo em exatas e em biologia. Tinha muita dificuldade. Lembro demais dos professores,

principalmente os das matérias em que eu ia mal. Na 6ª série (hoje, 7º ano do Ensino Fundamental), fiquei de recuperação de Educação Artística! Tinha eu e mais cinco alunos. Tirei 2,5! Lembro que havia um trabalho em que eu tinha que reproduzir um desenho com pontilhismo, e o meu foi de um adesivo da baleia do Santos, não sei por quê, nem torço pro Santos, e ficou horrível. Eu sempre tive muita dificuldade também em fazer coisas com compasso... Enfim, quase não passei no exame psicotécnico do carro, para você ter uma ideia... (risos)

A escolha da carreira, para você, teve forte influência do seu pai. Você já sabia, desde a adolescência, que queria ser jornalista?

Com certeza. Sempre acompanhava meu pai no trabalho, ia com ele às redações da TV Globo, da Bandeirantes. Nunca tive dúvida do que ia fazer no vestibular – acho que até por isso mesmo eu ia tão mal em Química, Física, Matemática... eu sabia que não era o que eu queria fazer. Então, a escolha acabou sendo fácil pra mim. Mas depois... trabalhei dez anos no jornalismo carregando fita, trabalhei na produção da Igreja Universal, acordava todo sábado às 6 da manhã para ir trabalhar, coisa que a galera não sabe, me vê hoje no CQC e acha que foi tudo moleza. Fiz um monte de coisas difíceis que teoricamente não seriam legais de fazer, para depois chegar no CQC e ter reconhecimento.

Você entrou na faculdade logo que se formou no Colégio?

Sim. Mas antes fiz dois anos de Rádio e TV na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), porque achei que era semelhante a jornalismo, mas acabei desistindo porque não era. Você pode desempenhar muito mais funções se formando como jornalista. Depois acabei mudando para a FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado), onde me formei.

Já teve frustrações na carreira?

A área do jornalismo é muito restrita. Se você não tiver alguém que te dê uma primeira chance, é muito difícil. É uma área mal remunerada, você precisa trabalhar, eventualmente, de sábado e domingo, não tem horário fixo – às vezes você entra às 5 da manhã, em outras vai trabalhar às 9 da noi-

te, ou no dia do aniversário do seu pai.

E do jornalismo você acabou partindo para o teatro, se envolveu com humor...

O CQC ampliou muito minhas possibilidades.

Tenho hoje uma peça de teatro em que conto minhas histórias, um programa de rádio sobre esporte. Escrevo em blogs, sites, colunas, me chamam para ser mestre de cerimônia de eventos. Quando o CQC está no ar, claro, é muito mais difícil conseguir fazer outras coisas porque o programa é minha prioridade.

Até que ponto a presença do humor no seu trabalho jornalístico confunde as pessoas? Muita gente considera o CQC apenas um programa humorístico...

Já me incomodei muito, mesmo. Faço um programa hoje que contém humor, que eu defino como um jornal bem-humorado, ou uma revista eletrônica que dá informação crítica e brinca com as situações mostradas nas matérias. Mas hoje não ligo tanto, vejo como uma coisa boa até. Podem me chamar de comediante, humorista, não me importa mais. Eu me incomodava antes por ter me formado em uma faculdade, por ter MTb (*o registro de trabalho dos jornalistas*). Se eu quiser fazer coisas de conteúdo não bem-humorado, faço. Mais para frente, na minha carreira, as pessoas vão me ver fazendo mais coisas “sérias” do que engraçadas.

É mesmo? Você tem vontade?

Sim, muita. Tenho planos de fazer documentários sobre coisas bem mais “sérias”, de deixar para fazer mais humor em rádio, onde acho que isso funciona muito bem. Na real, isso faz parte da minha forma-

Divulgação



A paixão pelo futebol e pelos esportes em geral lhe rendeu a missão de fazer a cobertura das competições. Ele será o enviado especial do CQC à Copa do Mundo da África do Sul

ção desde o começo, porque na TV Cultura eu já fazia matérias mais sóbrias, na Record apresentei quadros para adolescentes de um jeito mais sério também, temas adolescentes. Mas, enfim, sempre foi característica minha ter uma linha bem humorada, mesmo fazendo jornalismo tradicional.

Você é um dos repórteres que cobrem temas variados no CQC, mesmo sendo responsável pelo esporte sozinho, por exemplo. Como se prepara?

Pensamos em tudo o que vamos fazer nas pautas detalhadamente, e em boas perguntas, inclusive. Mas o bom do programa sai no improviso. Porque você sempre sabe o que vai perguntar, mas não o que seu entrevistado

vai responder. E na resposta do cara, às vezes, tem uma réplica que é a melhor parte da matéria. Fico feliz por fazer matérias sobre todos os assuntos, porque acho que tenho capacidade. Os meninos [*os outros componentes do CQC*] não dominam tão bem a parte esportiva – e, se você não domina tão bem um assunto, fica mais difícil de fazer uma piada ou

de interagir com alguém daquele metiê. A parte internacional é muito legal. Faço porque tenho um inglês fluente, um espanhol razoável e um italiano que nem eu sabia que me lembrava: aprendi no Dante. Nunca mais estudei italiano, fui vendo filmes, que adoro, e treinava assim.

E a fama repentina? Você se irrita ou se incomoda com o que ela tem lhe trazido?

Hoje estou mais acostumado, me preparo quando vou lidar com situações de muito público. Quando vou fazer um show, por exemplo, sei que depois vou tirar foto com a galera, tenho que ter paciência, uma menina ou outra vai me apertar, pegar no meu cabelo, vai ter uma tiazinha que vai tentar me dar um beijo na boca... estou preparado para isso tudo, já. Mas quando vêm falar comigo sem educação, sendo folgados, devolvo na mesma medida, obviamente sem agredir nin-

guém, mas para que a pessoa perceba que não foi bem na atitude.

Em seu blog, você divide com o público um pouco mais do que suas opiniões e questões relacionadas diretamente ao seu trabalho. Recentemente, escreveu sobre a sensação de fazer 30 anos. Como você define os limites do que quer compartilhar?

Eu comecei a escrever o blog quando estava na China (*o repórter cobriu as Olimpíadas de Pequim em 2008*), e era como um diário de bordo. No começo tinha muitas dúvidas sobre o que eu ia escrever. Não podia ser sobre o que ia para o ar, então o que fiz foi realmente compartilhar minha visão pessoal daquilo. A partir dali, comecei a mostrar tudo pela minha visão. Você não vai me ver contando coisas da minha intimidade, mas sim impressões pessoais e sentimentos, porque acho que as pessoas querem isso – também no meu twitter. E é legal ler o que as pessoas comentam, que estavam doentes, foram no meu show e ficaram felizes, ou que estavam com vários problemas e se sentiram revigoradas. Então não deixa de ser uma responsabilidade, também.

Às vezes você passa por alguns apuros durante seu trabalho. Comentou no seu blog, por exemplo, que isso aconteceu em um jogo no Brasil – em que você sentiu mais medo do que em um estádio na periferia de uma cidade da África do Sul. Como você encara esses riscos?

É a parte que me deixa muito triste porque adoro cobrir futebol. Esporte é minha paixão desde moleque. E torcedor idiota, multidão, fanático, sempre vai ter e não é problema do futebol, é problema social. Não consigo conceber que se queira bater e até matar alguém porque o cara veste verde e você, azul. Passei por uma situação bem chata

Felipe estudou no Dante desde o 3º ano do Ensino Fundamental, quando já se atrapalhava na matemática e fazia suas estripulias, que rendiam broncas dos professores

Arquivo Dante

DANTE ALIGHIERI
SOCIEDADE CIVIL COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
S DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

SÉRIE: 7
TURMA: "I"



COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
CONHECIDO ATRAVÉS DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
MEDA JAÚ, 1.061 - TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

Nº: 1992
TARDE
Nº: 28
GRAU: 1º
SÉRIE: 6
TURMA: "M"

GUIMARAES ANDREOLI
1980

13ª DE - DRECAP-3

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
CONHECIDO ATRAVÉS DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
MEDA JAÚ, 1.061 - TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

Nº: 1996
MANHA
LUIZ FELIPE GUIMARAES ANDREOLI
5 de fevereiro de 1980
SÃO PAULO

SÉRIE: 2
TURMA: "C"

13.ª DELEGACIA DE ENSINO

NOTAS DOS PERÍODOS				NOTAS PONDERADAS				TOTAL DOS PERÍODOS PONTOS	MÉDIA ANUAL	CONSELHO DE CLASSE		NOTA DE RAÇÃO	RECUPE RAÇÃO	MÉDIA ANUAL	MÉDIA ANUAL APÓS RECLUP.
1º PER.	2º PER.	3º PER.	4º PER.	1º PER.	2º PER.	3º PER.	4º PER.			PROMO VIDO	RECUPE RAÇÃO				
X	2	X	2	X	3	X	3			X	5	X	5		

em Porto Alegre. Entendo que o pessoal do sul seja super-regionalista, mas querer agredir alguém porque o cara é de São Paulo e o jogo é contra o Corinthians? E se eu estivesse mesmo torcendo pro Corinthians? Esporte é competição, um vai ganhar e o outro vai perder. Fico muito revoltado quando isso acontece. Os seguranças do Internacional (*clube gaúcho que jogava contra o Corinthians na ocasião*) foram muito legais e salvaram a gente de tomar porrada da torcida do próprio time. E os agressores não eram o pessoal da arquibancada, que se costuma taxar de maloqueiros – eram os playboys de Porto Alegre. Para nossa sorte, as pessoas começaram a ser punidas – isso vai mudando pouco a pouco no Brasil, mas espero que isso aconteça cada vez mais, e mais rápido. Para cobrir um jogo de futebol, sei que tenho que alterar minha rotina: chegar mais cedo, me posicionar na numerada, e, se o time da casa estiver perdendo, é melhor eu sair antes – ou vai acabar sobrando para mim e para a equipe. Não trabalho com seguranças e não quero ter que gravar minha matéria com um brutamonte atrás da câmera, porque aí também fica muito fácil, né? Eu sacaneio à vontade o meu entrevistado e tem um grandão ali que, se você falar qualquer coisa, ele vai me defender. Quero ir de cara lavada. Mas entrar num vestiário do Flamengo e ouvir um dirigente do clube falar: ‘sai daqui, paulista’? Minha vontade era sair, desligar a câmera e não botar a matéria no ar, e não por ele ter feito isso comigo, mas com o meu programa, que é o time em que eu jogo, e que dá muita audiência.

No começo acontecia muito, mas hoje é mais difícil alguém não querer dar entrevista a vocês, né?

Sim. No começo as pessoas fugiam da gente, até pela comparação do nosso programa com o Pânico (*programa de humor da Rede TV!*), que não tem nada a ver. Hoje as pessoas já conhecem o estilo do CQC. Tem muita gente que não falava, e agora fala, por conta disso. Ou porque aprendeu como é o jogo: a maioria das pessoas percebeu que a pior coisa que se pode fazer é não falar. O público pensa: ‘nossa, por que esse cara não falou, está devendo alguma coisa?’ Ou: ‘nossa, que artista mascarado.’ Então acho que o jogo virou a nosso favor. Mas claro que às vezes o repórter perde o duelo, o en-

trevistado te sacaneia e pronto, vai pro ar, é parte do jogo. Mas não é por isso que a gente tem que aliviar. Se tiver que fazer uma pergunta mais forte, vamos fazer, porque, às vezes, deixar o cara desconfortável é a nossa missão ali.

Quais são seus planos profissionais futuros?

Bem, minha peça fica em cartaz em São Paulo até maio no Teatro Folha, porque em junho vou para a Copa do Mundo. Tem o programa de rádio, novamente ao lado do meu pai, e com o Marco Luque (*apresentador do CQC*), que deve ser toda segunda-feira no começo da noite. E outras coisas publicitárias e de internet. Muito disso acontece em cima da hora, não planejo muito.

E a longo prazo?

Engraçado, não sou muito de fazer planos. Sempre quis fazer jornalismo e fui levando isso de uma maneira até que planejada, até meu primeiro ano de esporte na Band. Depois que surgiu o CQC e fui fazer uma coisa totalmente inusitada, que não esperava, parei um pouco de planejar as coisas. Até porque o CQC trouxe uma demanda muito grande de coisas para serem feitas no presente – ou num futuro próximo. Então não consigo imaginar onde estarei em cinco, dez anos. Sei que gosto muito de apresentar, então me vejo até apresentando um programa em alguma emissora um dia. A carreira na TV é certeza, porque isso é minha paixão. Claro que, por ter um pai que viveu muito de TV também, sei que isso não é para sempre, mas apenas enquanto você tem uma imagem legal – depois vêm as rugas, o cabelinho branco, e vão te tirar do ar. É assim, a não ser que você seja um Joelmir Beting, um cara muito sensacional e de muita credibilidade – que eu espero ser. Mas eu adoraria ter um *talk-show*, um programa de entrevistas, é uma ambição, ainda vou fazer. Também quero avançar nos outros projetos. Rádio é projeto para a vida, é muito bom, e você ainda pode ir de bermuda e chinelo, e todo mundo está te curtindo e te ouvindo no trânsito ou onde quer que seja, chega pela internet – o alcance é impressionante.